X PORTINGALOISE

FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE DANÇAS
E MÚSICAS
ANTIGAS

CICLO VERÃO
17 – 22 SET **2024**
CICLO PRIMAVERA
21 – 30 MAR **2025**
VILA NOVA DE GAIA
COIMBRA

CRIAÇÃO
PERFORMANCE
FORMAÇÃO
INVESTIGAÇÃO

PROMOTOR

portingaloise

O Festival Portingaloise conjuga criação/performance, formação e investigação relacionadas com o património coreográfico europeu do século XV ao XIX. É promovido pela Portingaloise Associação Cultural e Artística em parceria com a Kale Cooperativa Cultural e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra | Projeto Mundos e Fundos.

Desde a sua 1ª edição que este festival tem como premissa o encontro de artistas, investigadores e entusiastas deste repertório, explorando conexões disciplinares e estéticas ao refletir sobre os conteúdos antigos no espaço e tempo presentes, pesquisando profundamente a reação do corpo contemporâneo às definições de movimento e gesto de outros contextos. Não se limitando a ser apenas um festival de dança ou música, promove a observação da relação entre essas duas áreas na época moderna, reivindicando uma contextualização auxiliada pela história social, económica, e das demais artes do espetáculo.

Na 10ª edição celebramos o feminino. O feminino nas suas diferentes dimensões e suas diferentes manifestações; procurando-o no tempo, no espaço, em nós. Desde a 1ª edição em 2015 que o festival, na verdade, se designa feminino: Portingaloise é o título do primeiro registo de dança escrito referente a Portugal, no livro de bassedanses de Marguerite d'Autriche datado do final do século XV. Aí, a bassedanse Portingaloise constitui, muito possivelmente, uma homenagem a nobres portuguesas como Isabel de Portugal (1397-1471) ou Beatriz de Coimbra (1435-1462), que casaram na corte de Borgonha. Ao longo destes últimos anos, a dança antiga foi impulso para encontros e partilhas sobre a história, a arte, a cultura, no espaço europeu e fora dele, através da criação de espetáculos, comunicações científicas e experiências formativas. Na atual 10ª edição retornamos ao feminino dedicando, desta feita, a criação, a investigação e formação ao que foi escrito, composto, coreografado, dançado, cantado, tocado, por e para mulheres... em nome feminino... procurando as especificidades neste que constitui um repertório quase sempre diminuto, excecional - por vezes, até considerado menor - porque extraordinário na prevalecente produção masculina na época moderna.

Nesta edição, tal como no século XV, prestamos homenagem: a escritoras, compositoras, instrumentistas, bailarinas,... não só da idade moderna, mas também a atuais, convidando artistas e investigadoras de hoje que, com o seu trabalho, exaltam esse espaço feminino que, tantas vezes, o tempo teima em ocultar.

A dimensão formativa contará com os professores convidados Cecília Grácio-Moura (bailarina e docente portuguesa, referência internacional na dança antiga) e Guillaume Jablonka (bailarino e coreógrafo, especialista em dança do século XVIII, que dedica o seu curso à Allemande); na dimensão científica, comunicações de 6 investigadoras lusófonas, todas conciliando reconhecida obra científica e artística, que nos revelarão os seus estudos sobre o melhor da criação e prática artística feminina, desde o século XVIII ao século XX, nomeadamente em Portugal; na dimensão criativa/performativa, La Portugaise é concerto temático em setembro pela incontornável cravista portuguesa, Ana Mafalda Castro; em março, o Ensemble Portingaloise estreia mais um espetáculo intitulado Millefleurs - o regresso à clausura dos outros, que conta com a direção musical da cravista e a direção cénica do reputado encenador Pedro Ribeiro. Esta edição comemorativa contará ainda com o olhar sensível da jovem artista audiovisual Ana Pinho Vargas que, fazendo parte da equipa criativa de Millefleurs desde o início do projeto, criará obra plástica original, que ampliará pelo futuro este encontro no feminino: a sua exposição homónima estará patente na galeria do Convento Corpus Christi de 6 de maio a 8 de junho.

X FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇAS E MÚSICAS ANTIGAS

PORTINGALOISE

CICLO PRIMAVERA
21 – 30 MAR **2025**
V. N. DE GAIA
COIMBRA

INVESTIGAÇÃO

Encontro Académico
Presencial e on-line (Gratuito)
21 MAR'25 | 10h30 – 13h30
Anfiteatro III - 4º piso
FLUC, Universidade de Coimbra

ESPETÁCULO

MILLEFLEURS - O regresso à clausura dos outros
Ensemble Portingaloise & Udite Amanti
29 MAR'25 | 19h00
Armazém22, V. N. de Gaia

FORMAÇÃO

Curso de Dança Barroca por Cecília Grácio Moura
29 e 30 MAR'25 | 14h30 – 17h30
Armazém22, V. N. de Gaia

EXPOSIÇÃO

MILLEFLEURS por Ana Pinho Vargas
Inauguração 4 MAI'25 | 17h00
6 MAI - 8 JUN'25 | Terça a Domingo
9h00-12h00 / 14h00-17h30
Espaço Corpus Christi, V. N. de Gaia

MAIS INFORMAÇÃO:
PORTINGALOISE.PT/FESTIVAL2425
LAPORTINGALOISE@GMAIL.COM

PROMOTOR: portingaloise
PARCERIA: Kale, CECH Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra
APOIO: República Portuguesa, dgARTES, armazém, Ginasiano, fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia, GAIA, Espaço Corpus Christi, ESMAE, P.PORTO, ANTENA 2

ENCONTRO ACADÉMICO

Presencial e on-line
21/MAR | 10h30-13h30 (GRATUITO)
Anfiteatro III - 4º piso |
FLUC, Universidade de Coimbra

Com a chancela do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra | Projeto Mundos e Fundos

O Encontro Académico do X Portingaloise é consentâneo à temática geral do Festival: o feminino. Com um painel constituído por investigadoras, na sua maioria portuguesas, serão abordados assuntos relacionados com a criação e a prática artísticas concretizadas por e/ou para mulheres do século XVIII ao século XX. Além disso, e como habitualmente, será contemplado o espaço da dança nos contextos estudados, como meio de sensibilização para a investigação coreológica, cumprindo um dos principais objetivos deste evento.

Público-alvo: Aberto ao público geral e especializado, interessado nas temáticas a serem apresentadas.

"D. Maria Bárbara, Minueto Teatral ou da Saudade? Música instrumental de Frei Francisco de S. Boaventura (1733?-1802?) para as pupilas e monjas de Santa Clara (Porto)"

Magna Ferreira
(ESMAE | CITCEM-FLUP)

O Mosteiro de Santa Clara do Porto gozava de grande prestígio na sociedade portuense do século XVIII, sendo procurado por famílias influentes para a admissão das suas filhas. As festividades religiosas envolviam todas as classes sociais e, quanto mais solene a data, maior era o investimento nas composições musicais e nos efetivos requeridos. As responsáveis pela música no convento gozavam de alguns privilégios, incluindo na alimentação e na hierarquia. Além da formação musical, as monjas recebiam instrução em escrita, leitura, geografia, história, dança e desenho. O isolamento conventual levou muitas destas instituições a recriar, dentro dos seus muros, uma réplica da sociedade, evidente na divisão do trabalho, na administração da comunidade, na formação das religiosas e nos momentos lúdicos.
Nesta investigação, propomos compreender o papel da música produzida em clausura que, para além de um ato devocional, evocativo e religioso, assumia também funções de ostentação e entretenimento. A prática musical contribuía para a coesão da comunidade religiosa e estabelecia pontes com a sociedade e os seus visitantes, estreitando laços sociais e culturais, tanto intramuros como com o mundo exterior.
Distinguindo-se no canto e na prática instrumental, a Pupila D. Maria Bárbara inspirou, em 1789, a composição da "Sonata para duas Guitarras e dois Violinos" por Frei Francisco de S. Boaventura (1733?-1802?), uma obra que parece assinalar os inícios da sua vida intramuros. Esta peça reflete a prática musical da época, evocando os famosos serões musicais de tradição italiana, afastando-se assim das funções litúrgicas.

"Expressões da festividade na literatura monástica feminina em Portugal"

Isabel Morujão
(Universidade do Porto/ CITCEM)

Na literatura portuguesa dos sécs. XVI-XVIII oriunda dos claustros, são variados os textos que convocam o tema da festa, normalmente em contexto das celebrações religiosas maiores. Procurar-se-á mostrar de que modo essas representações da festa se associam frequentemente à prática da dança, particularmente a partir da obra de Violante do Céu.

Faremos uma análise e contextualização deste conjunto de danças, onde estão incluídos "Minuetes", "Dança dos Húngaros" e "Contradança", bem como dois andamentos que remetem para uma dimensão teatral, algo apreciado na comunidade conventual: o "Minueto Teatral" e o "Minueto da Saudade".

"Entre Dança e Canção: Um Olhar sobre as 5 Canções Dançadas da Condessa de Proença-a-Velha"

Ana Barros
(INET-md/UA)

A canção nasceu ligada à dança, como expansão dos sentimentos alegres ou tristes do povo (...)

A obra da Condessa de Proença-a-Velha (CPV) constitui um marco na música portuguesa do final do século XIX e início do século XX, destacando-se pela integração de elementos tradicionais na criação de repertório vocal. Este estudo explora a relação entre a dança e a composição, enfatizando o lugar central das "Canções Dançadas" no primeiro volume de Os nossos poetas – Melodias Portuguesas (1904). Estas canções preservam os traços característicos das formas populares portuguesas, enquadrando a sua criação no contexto do nacionalismo musical, defendido por figuras como Teófilo Braga (1904), que via nas melodias populares a expressão do "génio nacional".
A dança desempenha um papel crucial neste repertório, já que incorpora elementos rítmicos e melódicos que representam a vivacidade das tradições e uma ligação entre o passado e o presente cultural. Seguindo a tradição, a CPV preservou a simplicidade melódica e harmónica das formas populares, assegurando que a sua adaptação ao lied não desvirtuava o espírito português e actuando como um meio de regeneração cultural.
A metodologia baseou-se em trabalho de arquivo e análise interpretativa, visando identificar e contextualizar as "Canções Dançadas" da CPV, analisar e correlacionar os resultados com os documentos da própria compositora e de Teófilo Braga, bem como sistematizar os dados contextuais e as suas características históricas, estilísticas e performativas. Neste sentido, esta comunicação apresenta uma reflexão sobre a presença, nas "Canções Dançadas" da CPV (1904), de elementos da dança e da música popular, no contexto da canção de câmara, evidenciando o papel deste repertório na criação de uma "tonalidade nacional".

ESPETÁCULO
MILLEFLEURS - O regresso à clausura dos outros

Ensemble Portingaloise & Udite Amanti
29/MAR, 19H00
ARMAZÉM22, V. N. de Gaia

Classificação etária: > 12 anos

As Cartas da Alcoforado, enclausurada num convento, são escritas como um bordado. Há ternura e dedicação na escolha de cada palavra, de cada ponto rematado. A partitura de dança é uma tapeçaria de movimento. Cada passo é um fio alinhavado com precisão, cada corte um gesto narrativo. A ópera é uma urdidura que reúne música e libreto por entre os quais passa a trama que sustenta a ação. As Novas Cartas Portuguesas foram fiadas por três rocas reclusas nas margens da sociedade de um Estado Velho em nó. Será a mulher enfeite uma flor? Sensível, pura, delicada? Serão mil mulheres, millefleurs, uma tapeçaria antiga onde cada desenho carrega o seu peso na história? Por que razão, hoje, duas mulheres dançam bordados florais? O que nos leva a desfiar a sensibilidade feminina em jutas verticais e meadas presas? Chutamos as agulhas para longe? Será a sensibilidade, conhecimento ou apenas mais um fio que nos pedem para rematar?

Pedro Ribeiro (Dramaturgia e Encenação)

Criação a partir de textos de: Alcoforado "Cartas Portuguesas" Pub.1669; Lully/Quinault: "Atys" Estr.1676; Lully/Quinault "Armide" Estr.1686; Campra/La Motte "L'Europe Galante" Estr.1697; Campra/Danchet "Fragments de Monsieur de Lully" (Cit: Moliére "Le Bourgeois Gentilhomme") Estr.1702; La Barre/La Motte "La Vénitienne" Estr. 1705; Detouches/Roy: "Callirhoé" Estr.1712; Barreno, Horta, Costa: "Novas Cartas Portuguesas" Pub.1972

Coreografias (por ordem de execução):
Chaconne pour une femme de Mons. Pécour (1712), Entrée pour une femme seul dancée par Mlle Guiot à L' opéra d'Athis de Mons. Pecour (1712), Allemande de Mons. Pecour (1702) a partir de F. Kinski (1751), Entrée Espagnole pour une femme de Mons. Pécour (1704), Passacaille of Armide by Mrs Elford & Mrs Santlow by Mr. Abbé (1725), Canarye dancée par Mlle Provost et Mlle Guiot au Triomphe de l'Amour de Mons. Pecour (1712), La Muzette à deux dancée par Mlle Provost et Mlle Guiot à l' opéra de Callirhoé de Mons. Pecour (1712).

Outras obras musicais:
Concerts Royaux - Premier Concert (1722) de François Couperin, Chaconne L'Inconstante de Pièces de Clavecin - Suite I en ré mineur (1687) de Elizabeth Jacquet de la Guerre

(Millefleurs - significa literalmente "mil flores" e refere-se ao conjunto de motivos vegetalistas que serve de fundo a várias tapeçarias na Europa, tendo sido particularmente popular no século XV e XVI na arte francesa e flamenga)

Ensemble Portingaloise | O Ensemble Portingaloise é constituído por artistas de formação versátil – dança, música, teatro, história da arte, composição musical – que comungam do amplo interesse pelas artes do espetáculo na época moderna, orientando-se pela interpretação historicamente informada a partir da consulta assídua de documentos antigos. Dedica-se particularmente a géneros ditos híbridos e que conjugam as diferentes áreas e respetivas competências artísticas e técnicas de seus intérpretes. Dentre as suas criações originais destacam os espetáculos "Do Tento á Tentação" (2022), "Assembleia Dançante" (2022), "Vi/Ver o Paço" (2022), "Balle de las Danças" (2021), "Os Gestos Cantam na Dança Libertados" (2020), "Marie Sallé, A Terpsícore de Haendel" (2019), "Voyage Imaginaire" (2016), com apresentações em diferentes Festivais, teatros e espaços em território português, tais como Mimesis – Ciclo de Teatro e Artes Performativas da Universidade de Coimbra, Festival Cezimbra Antiqua, Música e Outras Artes nos Claustros da Associação Eborae Mvsica, Encontros de Música Antiga de Loulé Francisco Rosado, Festival Internacional de Órgão da Madeira, Armazém 22, Teatro Académico Gil Vicente, Palácio de São Marcos e Museu dos Biscaínhos. Em 2016 desenvolveu a criação original contemporânea "KINSKI" com apresentações em Portugal e França (Ciclo Danses Abritées, Paris, 2018). Participou ainda na série televisiva "Madre Paula" da RTP1 (2017) e dançou em vários concertos com diferentes grupos musicais, como a Orquestra Barroca da Esmae, Orquestra Barroca Vigo 430, O Bando de Surunyo, Capella Sanctae Crucis, Ensemble Com.Cordas, Americantiga Ensemble, Ensemble Alorna, Ensemble Nasoni, Orquestra Barroca de Mateus e Orquestra Barroca da Casa da Música.

Udite Amanti - Dir. Ana Mafalda Castro | Em 2003 respondendo a um convite de Miguel Lobo Antunes para participar no Festival Internacional de Música de Mafra, tive a hipótese de realizar uma ideia que há muito tinha vontade de concretizar: tocar obras de compositoras do período barroco. Assim nasceu o grupo UDITE AMANTI, formado por intérpretes femininas portuguesas ou residentes em Portugal.

Desde então vários concertos em várias cidades do País destacando-se o concerto comentado "Mulheres, Barroco, Dança" no CCB em 2005. A dança com Catarina Costa e Silva passou a fazer parte de vários programas do grupo. Agora, com uma interrupção de mais de 10 anos, o grupo volta para participar nas celebrações dos 10 anos de Portingaloise, no espetáculo "Millefleurs".

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Produção:
Portingaloise - Associação Cultural e Artística

Dramaturgia e Encenação: Pedro Ribeiro
Direção musical: Ana Mafalda Castro
Design de luz: Pedro Abreu
Design e confecção de figurinos:
Letícia dos Santos *(Mulher a bordar)*
Design de adereços: Pedro Ribeiro
Bordadeira juta: Maria José Ribeiro

Interpretação/criação: *Ensemble Portingaloise*
Catarina Costa e Silva *(Mulher de 1690)*
Daniela Leite Castro *(Mulher de 1971)*

Interpretação musical: *Udite Amanti*
Ana Mafalda Castro - direção/cravo
Mariña García-Bouso - violino
Ana Clérigo - violino
Inês Moz Caldas - flauta de bisel
Leonor Sá - violoncelo
(Mulheres de 2025)

Sonoplastia: Daniela Leite Castro
Voz-off: Bárbara Pais

Artista plástica Exposição Millefleurs:
Ana Pinho Vargas

Cabelos: Paula Ferreira

Estagiárias: Joana Givá, Maria Rita Tavares
(Formação em Contexto de Trabalho - FCT | Ginasiano Escola de Dança)

Agradecimentos: Maria José Ribeiro, Pedro Santos, Ginasiano Escola de Dança, Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo - P.Porto, Companhia de Teatro Os Quatro Ventos

CURSO DE DANÇA BARROCA

por Cecília Grácio Moura
29 E 30/MAR | 14H30-17H30
ARMAZÉM22, V. N. de Gaia

Neste curso pretende-se trabalhar a coreografia La Ribeyra, dança para um par composta pelo Maître À Danser M. Dezais, publicada em 1717 no XVème Recueil de danse e dedicada à Madame l' Ambassadrice de Portugal.

Público-alvo: O Curso destina-se a públicos de diferentes faixas etárias (a partir dos 12 anos) e com diferentes níveis de aptidão e experiência em dança.

EXPOSIÇÃO MILLEFLEURS

por Ana Pinho Vargas

INAUGURAÇÃO 4/MAI | 17H00
6/MAI - 8/JUN | TERÇA A DOMINGO
9H00-12H00 / 14H00-17H30
Espaço Corpus Christi, V. N. de Gaia

"Millefleurs", exposição da residência da artista Ana Pinho Vargas no X PORTINGALOISE - Festival Internacional de Danças e Músicas Antigas, de Novembro de 2024 a Março de 2025, na qual a fotógrafa procura explorar a essência do feminino na sociedade moderna. Esta exposição foi sendo tecida em paralelo à nova criação do Ensemble Portingaloise intitulada "Millefleurs - O regresso à clausura dos outros", estreada a 29 de março, com dramaturgia e encenação de Pedro Ribeiro e direção musical de Ana Mafalda Castro.
Para o registo do seu olhar íntimo e cúmplice neste processo criativo, a artista combinou fotografia, desenho e pintura para criar uma tapeçaria rica, refletindo a jornada íntima das mulheres enquanto artistas e performers. Cada obra capta gestos coreográficos, detalhes delicados e movimento, convidando os espectadores a envolverem-se com as narrativas emocionais e físicas tecidas na sua arte.
As criações da artista ilustram as complexidades subtis da essência feminina, unindo diversas formas de arte numa sinfonia de narrativas visuais. Através de "Millefleurs", Ana Pinho Vargas convida a um diálogo sobre o papel das mulheres na cultura contemporânea e nas artes. Nesta exposição, a artista expõe 52 obras inéditas fruto da obra original produzida para esta residência artística, entre as quais, fotografias digitais, fotografias analógicas, pinturas, desenhos, colagens e esboços.

NOTAS BIOGRÁFICAS

por ordem alfabética

Ana Barros | Licenciada em canto pela ESMAE e mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro, é bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia e investigadora no INET-md para o projeto de doutoramento "Sociabilidades femininas e repertório vocal de câmara em Portugal do final do século XIX até ao Estado Novo" na Universidade de Aveiro. Como cantora, realizou concertos em diversos países, incluindo Portugal, Espanha, França, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, EUA, México, Brasil e Itália, predominantemente colaborando com ensembles de música contemporânea. Participou em gravações para rádio (Antena2) e TV (Rtp1 e Rtp2), em projetos como "De corda em corda" (com Christina Margotto e Jed Barahal), "Fatum Ensemble", "Performa Ensemble (gravando o CD "Fado's"), e colaborações com pianistas como Isabel Sá e Daniel Cunha, além do guitarrista Augusto Pacheco, editando a música de câmara de Fernando Lopes Graça. Fez também fez parte do grupo "Som Ibérico", dirigido por Artur Caldeira. Estreou e gravou, a encomenda da Casa da Música, de um ciclo de António Chagas Rosa sobre poemas eróticos de Maria Teresa Horta. Com o quinteto de sopros francês "Le Concert Impromptu", participou no projeto BWK nos Festivais da Normandia (França) e no Festival Brecht (Alemanha). Apresentou o projeto "Saturno - La Mélodie Française" do Centro de Criação Artística da Gulbenkian, com encenação de Ana Luena e direção musical de Jeff Cohen. Criou ainda o projeto "Severa – O fado de um fado", encenado por Pedro Ribeiro, com o apoio do Museu do Fado, Antena 2 e Instituto Camões, gravando o CD com Bruno Belthoise ao piano. Atualmente, concentra-se nos estudos em performance e pesquisa artística, dedicando-se à produção musical de mulheres cantoras/compositoras/mecenas artísticas enquanto bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia https://doi.org/10.54499/2020.05096.BD. Editou "Canções sobre poemas de Camões" de Berta Alves de Sousa e contribuiu para um livro sobre a compositora com um capítulo dedicado à sua obra vocal de câmara.

Ana Mafalda Castro | Ao longo de 40 anos de atividade artística, a cravista Ana Mafalda Castro afirma-se como solista, acompanhadora e na direção e criação de vários grupos que se dedicam à Música Antiga. Na sua variada carreira destaca-se a participação na homenagem em Estocolmo a José Saramago aquando da entrega do prémio Nobel, nas Folles Journées de Nantes e de Bilbao e no Festival San Luis Potosi no México. O repertório contemporâneo para cravo tem estado também presente nos seus recitais, nomeadamente na estreia da obra "Il ritorno" composta para si por António Pinho Vargas. Tendo recebido calorosas críticas, Ana Mafalda Castro gravou vários CD para as editoras EMI-Classics, Numérica e Portugaler. Ana Mafalda Castro mantém uma intensa atividade docente, tendo participado em vários cursos e júris nacionais e internacionais. É professora e fundadora do Curso de Música Antiga da ESMAE/P.PORTO (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo).

Ana Pinho Vargas | Artista portuguesa, fotógrafa e pintora. Atualmente vive e trabalha em Vila Nova de Gaia, no Porto. É mestre em Fotografia pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto em 2022 e licenciada em Fotografia e Cultura Visual pela Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia IADE, em Lisboa em 2019.
A artista já teve a sua obra exposta em Lisboa, Porto, São João da Madeira, Barcelona, Trieste, Buenos Aires, Veneza, Roma e futuramente irá expor em Turin e Florença, entre outros.
A artista ganhou o prémio internacional "Artist of the Year 2025 Prize" da Fundação Effetto Arte e dos curadores Salvatore Russo e Francesco Saverio Russo em Florença, em Janeiro de 2025. Ana Pinho Vargas vai participar na XV Bienal de Florença em Outubro de 2025.
A sua primeira exposição individual, "Silêncio" decorreu de 15 de Fevereiro a 22 de Março de 2025 na Galeria de Fotografia do Centro de Arte de São João da Madeira, em São João da Madeira.

Cecília Grácio Moura | Especialista em dança barroca francesa. Detém diplomas em Dança Barroca da Dolmetsch Historical Dance Society, Mestrado em Dança Contemporânea da Universidade de Paris-St-Denis e o DEA Diploma de Musicologia da Universidade de Paris-Sorbonne. Dançou com as companhias Ris et Danceries, L'Eclat des Muses, L'Eventail, e Outre Mesure, assim como participou em produções de Jeunesses Musicales de France e Academia de Dança Antiga de Lisboa. Foi membro do Théâtre Baroque de France dirigido por Marie-Geneviève Massé e coreógrafa convidada do Festival Barroco de Bupadeste. Foi professora de dança barroca no Conservatoire de Musique Erik Satie em Paris e no Conservatoire CNR de Metz. Atualmente é professora de dança convidada nos conservatórios superiores de Strasbourg e Boulogne-Billancourt, para além de ministrar regulares workshops dirigidos tanto a bailarinos como a músicos em França, Itália, Estados Unidos, Polónia e Portugal.

Isabel Morujão | Doutorada em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sua Alma Mater, onde é Professora Associada. Integra o Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço & Memória CITCEM-FLUP, e é colaboradora do Centro de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra. É autora de mais de uma centena de publicações, dispersas por revistas da especialidade, atas e livros, no país e no estrangeiro, tendo centrado a sua principal investigação em torno da literatura de autoria feminina dos sécs. XVI-XVIII, de que destaca a obra Por trás da Grade. Poesia conventual feminina. Lisboa: Imprensa Nacional (2013). Fundou, na FLUP, o seminário de Literatura Feminina em Portugal, o primeiro deste género no país, que funciona ininterruptamente desde 2007. Coordena um projeto financiado pela FCT sobre a poeta Soror Violante do Céu e as vivências culturais e artísticas do Mosteiro da Rosa de Lisboa.

Magna Ferreira | É docente no Curso de Música Antiga da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (Instituto Politécnico do Porto) e no Conservatório de Música do Porto. É Licenciada em Canto pela ESMAE, Mestre em Educação Musical pela Universidade do Minho e Mestre em Advanced Vocal Ensemble Studies pela Schola Cantorum Basiliensis (Suíça). É Doutorada em Musicologia pela Faculdade de História da Universidade de Santiago de Compostela e investigadora colaboradora do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi membro do Estúdio de Ópera da Casa da Música. Como solista, apresentou-se em Portugal, Espanha, França, Itália, Suíça, Polónia, México, Angola e Brasil. Destaca-se a sua participação na estreia moderna de "Joaz" (no papel de Athalia), de Benedetto Marcello (Festival Obra Aberta, Casa da Música, 2003), e em "As Três Barcas", de Gil Vicente/Fernando Lapa (Festival Dias da Música, CCB, 2018 / Toy Ensemble). Enquanto maestrina, integrou a equipa artística da Área da Comunidade em Guimarães Capital da Cultura, foi diretora do projeto "Vozes do Românico" (Rota do Românico) e dirigiu a Orquestra Barroca da ESMAE nas óperas "Acis and Galatea", de Haendel, "Dido and Aeneas", de Purcell, e "Il combattimento di Tancredi e Clorinda" e "Ballo delle Ingrate", de Monteverdi. Dirigiu diversos grupos corais e orquestrais e gravou a estreia de obras de compositores portugueses. Colaborou com o Serviço Educativo da Casa da Música, com destaque para a preparação da obra "Da primeira liberdade" (concerto pré-inaugural do Grande Auditório da Casa da Música, 2005), de Fernando Lapa. Trabalhou ainda como formadora com o Teatro Nacional de S. João, o Centre Culturel de Rencontre Ambronay, a Universidade do Minho, a Universidade Lusófona, entre outros. Gravou para a Antena 2, RTP, Challenge Classics, Au Fil de l'air, entre outros. Lecionou masterclasses de Canto (Música Antiga) e de música vocal de conjunto em Angola, Brasil, Espanha, França e Itália. Atualmente, dedica-se à investigação do repertório conventual feminino português no Antigo Regime. Neste contexto, fundou e dirige o grupo de música antiga "Metáfora das Flores".

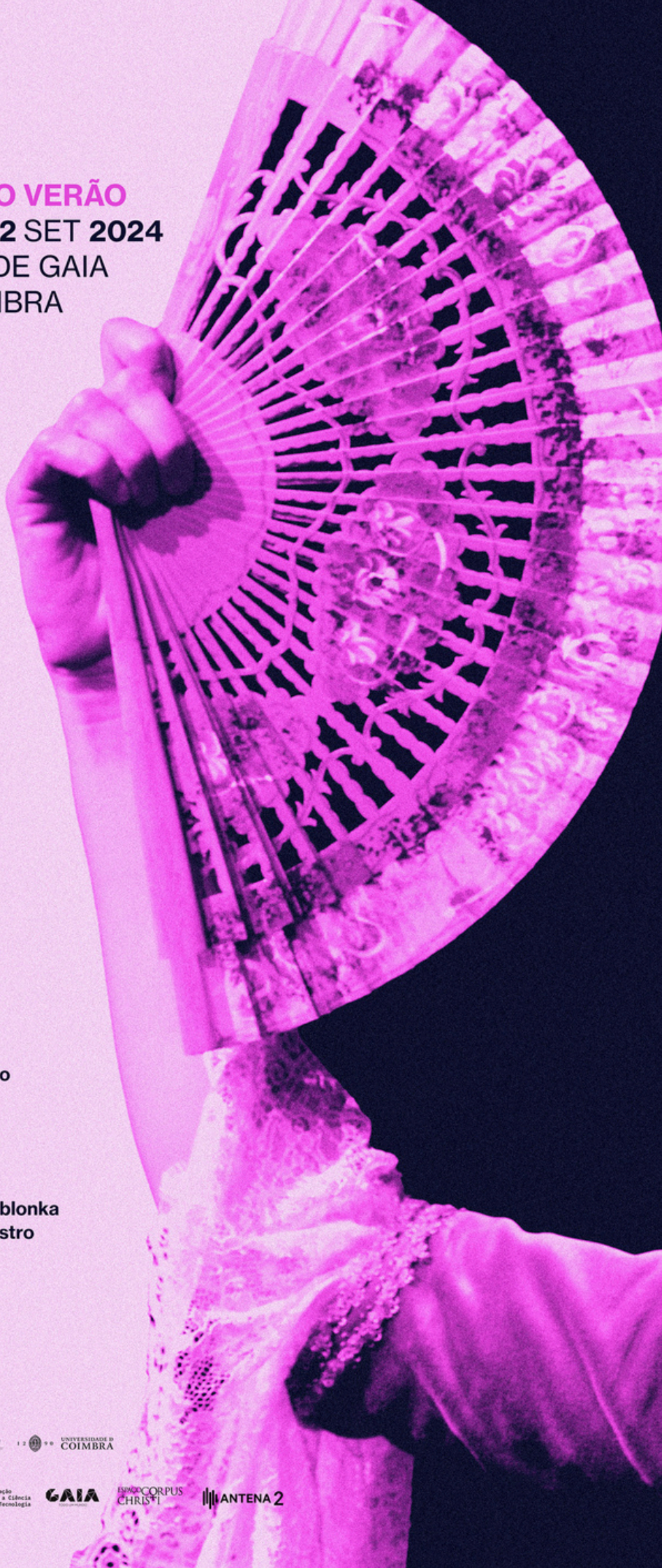
Pedro Ribeiro | Nascido no Porto. Concluiu a Licenciatura em Estudos Teatrais/Interpretação ESMAE; o Curso de Encenação de Ópera Fundação Calouste Gulbenkian, o Curso de Harpa do Conservatório de Música do Porto e o Curso Geral de Artes Visuais da Soares dos Reis. Possui uma carreira distinguida como encenador, cenógrafo e figurinista e um percurso de docente extenso em disciplinas ligadas ao teatro, teatro musical e ópera, tendo leccionado em Portugal, Inglaterra, França, Dinamarca, Áustria e Itália. Entre 2004 a 2011 trabalhou com a companhia Teatro de Marionetas do Porto como figurinista, designer gráfico e assistente de encenação de João Paulo Seara Cardoso. Foi com o João Paulo que trabalhou na sua primeira incursão pelo teatro de ópera na obra Encantos de Medeia de António José da Silva e a ele lhe deve o incentivo para seguir uma carreira na encenação de espetáculos multidisciplinares. Desde então dirige produções que vão da ópera ao teatro e do teatro musical a peças "site-specific" entre uma miríade de autores portugueses e estrangeiros.

Desde 2011 trabalha para a Royal Opera House - Londres como encenador freelancer onde a imprensa internacional destaca o seu trabalho nas reposições da La Traviata (Enc.Richard Eyre) em 2020 e 2021. Para a ROH também criou novas encenações para os palcos principal e secundário inseridas no programa de jovens artistas recebendo também excelentes críticas, destacando a do jornal The Times que refere a sua produção de Montsalvagte - El Gato Con Botas como "hipnotizante". Foi assistente dos maiores encenadores mundiais como Kasper Holten, Robert Carsen, Laurent Pelly, Danielle Abbado, John Copley, John Fuljames, Jonathan Kent. Até 2017 foi assessor nos Off West End Awards nomeando espetáculos e artistas para os OFFIES que premeiam o que de melhor se apresenta nos teatros Londrinos. Das suas mais recentes produções como encenador e/ou designer destacam-se: An Account Of The State Of That Place projecto vencedor do TW Puppetry Festival; A Paixão/Bach - CCVF; Goldilocks & The Three Pigs - Opera Story; La Cambiale, Elisir d'Amore, Dr Miracle - All'Opera; Fígados de Tigre, António Marinheiro, Terror e Miséria na Queda da Democracia - CT4V; O Fantasma da Ópera - Coliseu do Porto e Campo Pequeno; Música no Coração – Altice Arena e Super Bock Arena; e as reposições de Rigoletto, Falstaff, Nabucco, Barbiere di Siviglia, Manon Lescaut, Carmen e La Traviata no palco principal da ROH. + Info www.stagedirector.net

X PORTINGALOISE

FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇAS E MÚSICAS ANTIGAS

CICLO VERÃO
17 – 22 SET **2024**
V. N. DE GAIA
COIMBRA



CRIAÇÃO
Residência Artística
Ensemble Portingaloise & Udite Amanti
Set e Nov'24 | Mar'25
Armazém22, V. N. de Gaia

INVESTIGAÇÃO
Encontro Académico
Presencial e on-line (Gratuito)
20 Set'24 | 10h30 – 13h30
Anfiteatro III - 4º piso
FLUC, Universidade de Coimbra

PERFORMANCE
La Portugaise
Concerto de Cravo por Ana Mafalda Castro
20 Set'24 | 21h00 (Gratuito)
Espaço Corpus Christi, V. N. de Gaia

FORMAÇÃO
Curso de Dança Barroca por Guillaume Jablonka
Masterclass de Cravo por Ana Mafalda Castro
21 e 22 Set'24 | 14h30 – 17h30
Armazém22, V. N. de Gaia

MAIS INFORMAÇÃO:
PORTINGALOISE.PT/FESTIVAL2425
LAPORTINGALOISE@GMAIL.COM

PROMOTOR
portingaloise

PARCERIA
Kalé · CECH Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra · Universidade de Coimbra

APOIO
República Portuguesa Cultura · dgARTES · Armazém22 · Ginasiano · fct Fundação para a Ciência e a Tecnologia · GAIA · Espaço Corpus Christi · Antena 2

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

Ensemble Portingaloise
& Udite Amanti
SET E NOV'24 | MAR'25
ARMAZÉM22, V. N. de Gaia

Millefleurs é a nova criação do Ensemble Portingaloise em parceria com Udite Amanti, agrupamento vocacionado desde a sua origem para a divulgação do repertório composto para ou por mulheres. Esta criação baseia-se neste repertório seja ele coreográfico, musical, literário, plástico, conciliando diferentes sentidos e visões, num tecer colaborativo a vários fios. A residência artística que agora inicia, contará não só com intérpretes, mas também com a equipa técnica e criativa de cena, dirigida pelo encenador Pedro Ribeiro, na procura de uma dramaturgia inspirada em imagens, coreografias, músicas, textos e testemunhos de um feminino intemporal. Contará ainda com o olhar de Ana Vargas para o registo desta urdidura inicial.

ENCONTRO ACADÉMICO

Presencial e on-line
20/SET | 10h30-13h30 (GRATUITO)
Anfiteatro III - 4º piso |
FLUC, Universidade de Coimbra

Com a chancela do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra | Projeto Mundos e Fundos

O Encontro Académico do X Portingaloise é consentâneo à temática geral do Festival: o feminino. Com um painel constituído por investigadoras, na sua maioria portuguesas, serão abordados assuntos relacionados com a criação e a prática artísticas concretizadas por e/ou para mulheres do século XVIII ao século XX. Além disso, e como habitualmente, será contemplado o espaço da dança nos contextos estudados, como meio de sensibilização para a investigação coreológica, cumprindo um dos principais objetivos deste evento.

Público-alvo: Aberto ao público geral e especializado, interessado nas temáticas a serem apresentadas.

“As mulheres musicistas no final do antigo regime: as monjas do Mosteiro de São Bento da Avé-Maria do Porto”

Rosana Marreco Brescia
(CESEM – NOVA_FCSH)

É notória a importância da música no contexto dos conventos femininos na Europa e em seus territórios ultramarinos. Por diversos motivos, sobretudo sociais e religiosos, esses espaços se converteram nos mais significativos centros de produção musical feminina. As mulheres enclausuradas atuavam tanto como agentes na composição e aquisição de repertório a ser interpretado nas mais importantes festividades do calendário católico, como também na performance, agindo como exímias intérpretes de um repertório virtuosístico que em nada deixava a desejar aos mais importantes teatros de ópera daquela época. Na cidade do Porto, um cenóbio feminino em particular se destaca pela qualidade e quantidade de música produzida na transição dos séculos XVIII e XIX: o Mosteiro de São Bento da Avé-Maria. Fundado no século XVI e extinto definitivamente em 1892, esse convento abrigou algumas das mais virtuosas cantoras portuguesas conhecidas. O seu espólio, transferido para Lisboa quando da demolição do edifício para dar lugar à Estação de São Bento e hoje preservado na Secção de Música da Biblioteca Nacional de Portugal, é testemunho do legado artístico deixado por essas mulheres invisíveis aos olhos da sociedade. A presente comunicação aborda o papel das monjas músicas enquanto mecenas e intérpretes num contexto onde a arte da música exercida profissionalmente em espaços públicos era inacessível às mulheres de famílias nobres e de elevado poder aquisitivo.

“Sílfides e umbigadas: espaços e práticas da dança no feminino em testemunhos de viajantes estrangeiros no Portugal setecentista”

Inês Thomas Almeida
(IELT - NOVA_FCSH)

Na segunda metade do século XVIII, vários viajantes estrangeiros, atraídos pela popularidade das descrições do Terramoto de Lisboa e célere reconstrução da cidade ou, na sua maioria, pelas guerras peninsulares, expedições científicas e empreendimentos comerciais, visitaram Portugal e descreveram o que por aqui viam e ouviam, de acordo com as suas próprias lentes e formatações do país de origem. Nesses relatos, encontramos descrições sobre diferentes tipos de dança, quer fossem de corte, teatral, burguesa ou popular, das quais retiramos elementos importantes para a caracterização da participação feminina correspondente. Desde a dança teatral, com forte influência, à vez, dos modelos italianos e franceses (que nos transportam para uma presença feminina sofisticada, diáfana, pairando no ar como uma sílfide, como é descrita a bailarina francesa Marie Antoinette Monroy), ou o minuete como elemento de distinção aristocrática na corte e no salão, até aos bailes em contexto burguês, as mulheres de baixa condição social tocando e dançando nos intervalos das touradas, a mulher que baixa os olhos num fandango e a suposta sensualidade carnal das danças afro-brasileiras, encontramos nestes relatos convenções de classe e de género que espelham, por um lado, a prática corrente e, por outro, as expectativas de quem as relatou. Partindo da análise e varrimento de várias dezenas de relatos alemães, franceses, ingleses e de outras nações europeias entre 1755 e 1807, esta comunicação irá analisar a presença feminina na dança, plasmada em códigos de conduta que, numa diversidade de contextos, nos ajudam a entender as expectativas e os espaços da prática musical da dança, para as mulheres, no Portugal do Antigo Regime.

"O baile de máscaras de Clara e Robert Schumann: exposição do processo criativo partilhado na década de 1830"

Ana Nistal Freijo
(CECH - FLUC)

A história de Clara e Robert Schumann sempre despertou um grande interesse, quer por parte do grande público, atraído pelos meandros de uma paixão amorosa destilada em sons, quer por parte da academia. Porém, no que à academia respeita, no final do séc. XX é observada uma mudança no tratamento da figura de Clara. Se bem antes era convocada enquanto musa, é considerada a partir de aqui uma figura de estudo per se, enquanto pianista virtuosa e compositora. Certamente, os estudos feministas tiveram um papel determinante nesta reavaliação, pois, para além de dissipar o nevoeiro de esquecimento que se tinha alastrado em torno de um grande número de mulheres artistas, também favoreceram a realização de novas monografias sobre artistas já conhecidas, ainda que parcialmente estudadas – os retratos de Clara Wieck Schumann enquanto esposa, ou de Fanny Mendelssohn Hensel enquanto irmã, são apenas dois exemplos desta compreensão parcial. Mas outro factor determinou o renovado interesse pela figura de Clara no final do século passado: a comemoração do centenário de morte da compositora e pianista, em 1996 (cf. Reich, 2001, pp. ix-x). Ambos factores, para além de trazer uma nova luz sobre a vida e obra de Clara, também propiciaram uma renovada visão sobre a prolífica relação de Clara e Robert Schumann, sendo disto exemplo o estudo do processo criativo partilhado e, consequentemente, da rede de influência que teceram em comum. Passados quase trinta anos desta data comemorativa, o que propomos é adentrar-nos na década onde se inicia a colaboração artística entre Clara e Robert Schumann. O nosso ponto de partida será, portanto, o ano de 1830, altura em que o compositor é recebido na casa dos Wieck, sendo o nosso ponto de chegada o ano de 1840, também conhecido como o ano do casamento.

As fontes que nos guiarão neste percurso serão o conjunto de cartas datado desta época, que ilustram a existência de um pensamento poético-musical partilhado – destacando-se aqui o papel que adquire o “baile de máscaras” enquanto categoria poética, estética e crítica –, e as composições musicais de Clara e Robert Schumann, onde o fenómeno de intertextualidade transcende a prática frequente para consagrar-se em processo de comunhão.

LA PORTUGAISE

Concerto de Cravo por Ana Mafalda Castro
20/SET | 21H00 (GRATUITO)
Espaço Corpus Christi, V. N. de Gaia

Classificação etária: > 6 anos

PROGRAMA

Manuel Rodrigues Coelho (c.1555-c.1635)
Susana grozada
(Flores de Música para o Instrumento de Tecla e Harpa, Volume 3, 1620)

Elizabeth Jacquet de La Guerre (1665-1729)
Prélude, Allemande, Courante, 2e Courante, Sarabande, Gigue, Cannaris, Chaconne L'Inconstante, Menuet
da Suite I em ré mineur
(Les Piéces de clavecin, 1687)

Anna Bon di Venezia (1738-1769?)
Allegro non molto, Andante, Allegro
da Sonata II
(Sei Sonate per il cembalo, 1757)

Miss Eliza Turner (1720?-1756)
*da Lesson V - **Andante***

Antoine Forqueray (1671-1745)
La Portugaise (Marqué et d'aplomb)
da Suite n. 1 em ré m

Miss Eliza Turner (1720?-1756)
*da Lesson II - **Andante Affetuoso***
(Six Lessons for the harpsichord, 1756)

Antoine Forqueray (1671-1745)
La Leclair (Très vivement et détaché)
da Suite n. 2 em Sol M
(Pièces de Viole, composées par Mr. Forqueray Le Père, mises en Pièces de Clavecin par Mr. Forqueray Le Fils, 1747)

Cravo Franco-Flamengo, dois manuais, Henk Van Schevikhoven, 1984

É com a estória de uma mulher que compõe um capítulo transversal a toda a história da arte que começamos. Susanne un jour é estória bíblica do Livro de Daniel, é poema seiscentista de Guillaume Guérolt, é tema melódico de Didier Lupi II, baseia uma missa de Orlando di Lassus, é ... é tema, em último caso, para ainda hoje refletirmos sobre a liberdade íntima da mulher. Num programa dedicado ao feminino, a Susana aqui glosada é do compositor Manuel Rodrigues Coelho (c. 1555-1635) que, à semelhança de tantos, conferiu espaço a este tema na sua basilar publicação para tecla e harpa, Flores de Música, de 1620. Mas outros perfis femininos inspiraram o recital de hoje: na suite nº1 em ré m de Antoine Forqueray (1671/2-1745), aqui na versão transcrita para tecla por seu filho, encontra-se La portugaise, o quinto andamento num total de seis que, com a indicação marqué et d'aplomb, faz-nos imaginar uma mulher intensa, determinada, quiçá sofrida mas também arrebatada. À semelhança de outros exemplos - como a bassedanse La Portingaloise de manuscrito do final do século XV, que nomeia este Festival - a atribuição feminina e regional, não representava necessariamente uma mulher em particular mas, no feminino, destacava uma personalidade, uma atitude, ou retratava musicalmente aspectos culturais específicos, que permitiam, a quem ouvia, imaginar, contemplar, viajar no tempo e no espaço. A propósito de La Portugaise, a viagem proposta hoje é também contactar o universo da composição feminina de outrora por uma intérprete portuense de hoje. Pelas mãos, pela escuta, reconhecer o requinte, a delicadeza mas também o vigor de uma suite de Elizabeth Jacquet de la Guerre (1665-1729) que, tendo sido instrumentista na corte de Luís XIV, viveu de perto a profícua atividade musical de então. Reconhecida já na época, não só pela sua mestria mas também pela sua inventividade e autonomia criativa, Jacquet de la Guerre, por exemplo, organiza as danças desta suite de forma particular; por outro lado, relembrando mais uma vez a composição no feminino, caracteriza musicalmente a inconstância da Chaconne, conferindo-lhe a forma de um rondeau em que o refrão não representa a habitual estabilidade, porque se ouve latente a característica sequência de variações.

Estes e outros elementos evidenciam o à vontade destas compositoras na criação musical, acompanhando a evolução e inovação estéticas da época, como se verifica na obra galante de Anna Bon de Venezia (1738-1769?).

CURSO DE DANÇA BARROCA

por Guillaume Jablonka
21 E 22/SET | 14H30-17H30
ARMAZÉM22, V. N. de Gaia

Este curso terá como temática a Allemande em torno de 1770 em França, explorando as suas particularidades como sejam as posições de braços e seus entrelaçamentos muito específicos. Um único passo é repetido ao longo da dança ao som de uma música em compasso binário. Serão abordadas quatro fontes diferentes que, complementando-se, nos ajudam a reviver esta dança então na moda.

Público-alvo: O Curso destina-se a públicos de diferentes faixas etárias (a partir dos 12 anos) e com diferentes níveis de aptidão e experiência em dança.

MASTERCLASS DE CRAVO

por Ana Mafalda Castro
21 E 22/SET | 14H30-17H30
ARMAZÉM22, V. N. de Gaia

Público-alvo: Estudantes de instrumentos de tecla, músicos profissionais e amadores interessados (> 12 anos).

NOTAS BIOGRÁFICAS

por ordem alfabética

Ana Mafalda Castro | Ao longo de 40 anos de atividade artística, a cravista Ana Mafalda Castro afirma-se como solista, acompanhadora e na direção e criação de vários grupos que se dedicam à Música Antiga. Na sua variada carreira destaca-se a participação na homenagem em Estocolmo a José Saramago aquando da entrega do prémio Nobel, nas Folles Journées de Nantes e de Bilbao e no Festival San Luis Potosi no México. O repertório contemporâneo para cravo tem estado também presente nos seus recitais, nomeadamente na estreia da obra "Il ritorno" composta para si por António Pinho Vargas. Tendo recebido calorosas críticas, Ana Mafalda Castro gravou vários CD para as editoras EMI-Classics, Numérica e Portugaler. Ana Mafalda Castro mantém uma intensa atividade docente, tendo participado em vários cursos e júris nacionais e internacionais. É professora e fundadora do Curso de Música Antiga da ESMAE/P.PORTO (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo).

Ana Nistal Freijo | Licenciada em Piano (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Politécnico do Porto, 2010), mestre em Filosofia, na área de especialização de Estética (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013) e doutoranda em Estudos Artísticos | Estudos Musicais (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra). Atualmente, é assistente convidada na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Politécnico do Porto, onde desenvolve atividade docente nas áreas de Estética Musical, História da Cultura e Investigação em Música. Também é investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. A sua linha de investigação situa-se no cruzamento entre a música, a literatura e a filosofia, destacando-se o trabalho desenvolvido em torno das figuras de Gilles Deleuze e Robert Schumann.

Guillaume Jablonka | A sua carreira como bailarino passou pelo Ballet du Nord (Roubaix), onde conheceu Jean Guizerix e Wilfride Piollet, antes de incorporar o Método Barres Flexibles na sua formação e ensino. Descobriu a dança barroca com a Cie l'Éventail de Marie-Geneviève Massé e fundou a Cie Divertimenty, criando "Le Petit Chaperon rouge" como um ballet pantomima (Festival Barroco de Pontoise) e "Les Coulisses du Ballet vénitien" (Opéra-Comique). Ao mesmo tempo, desenvolve trabalho como investigador, nomeadamente, na reconstrução de danças registadas durante o século XVIII, nomeadamente no manuscrito Ferrère. Foi bolseiro da Aide à la Recherche et au Patrimoine en Danse do Centre National de la Danse em 2011 e 2020. Como maître de ballet, colaborou para a aplicação prática das fontes históricas em performances no Théâtre Molière Sorbonne.

Inês Thomas Almeida | Musicóloga, doutorada em Ciências Musicais Históricas pela Universidade Nova de Lisboa e investigadora no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, no projeto RELIT-Rom, com bolsa de investigação pós-doutoral da FCT. Recebeu, pela sua tese O olhar alemão: as práticas musicais em Portugal no final do Antigo Regime segundo fontes alemãs, sob orientação de Rui Vieira Nery, a classificação máxima por unanimidade. É professora convidada do Doutoramento em Estudos de Género da Universidade Nova de Lisboa e responsável pela criação da unidade curricular Mulheres Compositoras: História da Composição no Feminino, que leciona nesta mesma universidade. É membro da Sociedade Austríaca de Investigação no Século XVIII, para a qual desenvolve o projeto ÖGE18 Bücherkiste Update, e do projecto AVEMUS – Música em estilo concertante no antigo Real Mosteiro de São Bento da Avé-Maria do Porto (1764-1834), financiado pela FCT, que investiga a actividade musical destas monjas beneditinas. A sua investigação incide sobre romanceiro antigo, música no século XVIII, relatos de viagem, mulheres na música e redes culturais transnacionais. Foi Comissária-Adjunta da exposição Madalena de Azeredo Perdigão (1923-1989): vamos correr riscos, da Fundação Calouste Gulbenkian (2023), e co-autora, juntamente com Rui Vieira Nery, do livro Vamos Correr Riscos: Textos escolhidos de Madalena de Azeredo Perdigão (Tinta-da-China, 2023). Tem artigos publicados em revistas científicas da especialidade e mantém uma intensa atividade como conferencista, quer em colóquios nacionais e internacionais, quer como divulgadora musical na Fundação Calouste Gulbenkian e no Teatro Nacional de São Carlos. É uma das vencedoras da 6ª Edição do Concurso de Estímulo ao Emprego Científico da FCT, com o projecto FEMUS 18 – Female music practice in 18th century Portugal: spaces and profiles of women making music, vendo aprovado o financiamento da sua investigação na Universidade Nova de Lisboa até 2030.

Rosana Marreco Brescia | Musicóloga, cantora lírica e diretora de cena, Rosana Marreco Brescia participou de diversos projetos relacionados à música e ao património histórico musical material e imaterial, com especial interesse pela ópera e a música no Brasil e em Portugal nos séculos XVIII e XIX. Como cantora, apresenta-se regularmente ao lado do guitarrista José Manuel Dapena, do Cuarteto Alicerce e do organista Marco Brescia. Em 2022 dirigiu a estreia moderna da ópera A Noite de São João, de Elias Álvares Lobo, em colaboração com o Conservatório de Tatuí. Foi diretora artística das produções das óperas Il Ballo delle Ingrate, de Claudio Monteverdi, encenada em comemoração pelos 450 anos do nascimento do compositor, e Vendado es Amor, no es Ciego, de José de Nebra, encenada no aniversário de 250 anos da morte do músico espanhol – ambas produzidas no âmbito do Festival Internacional de Música Antiga e Música Colonial Brasileira de Juiz de Fora. É doutorada em História Moderna e Contemporânea pela Université Sorbonne – Paris IV e em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa, Mestre em Canto Lírico pela Manhattan School of Music (USA) e pós-graduada em canto pela Royal Academy of Music (GBR). Especializou-se na interpretação histórica da música antiga no Conservatorio di San Pietro a Majella de Nápoles (ITA), sob a direção de Antonio Florio, na interpretação mozartiana pelo Instituto Mozarteum de Salzburg (AUS) com a soprano Edda Moser, e em regia lírica na Fondazione Franco Zeffirelli, sob a direção de Massimo Luconi (ITA). É membro da International Musicological Society e atualmente coordena o projeto "A Música em Estilo Concertante no antigo Real Mosteiro de São Bento da Avé-Maria (1764-1834)", financiado pela FCT. Rosana Marreco Brescia é investigadora integrada do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade Nova de Lisboa.

X PORTINGALOISE - FESTIVAL INTERNACIONAL DE DANÇAS E MÚSICAS ANTIGAS 24.25

Promotor:
Portingaloise - Associação Cultural e Artística

Direção Artística:
Catarina Costa e Silva

Direção Executiva:
Thiago Vaz

Comunicação e Redes Sociais:
Mayra Paolinelli

Design Gráfico:
Z

Vídeo e Fotografia:
Adriana Romero/Joana Jorge/Leonardo Patrício
Ana Pinho Vargas
Susana Neves

Parceria:
Kale Cooperativa Cultural,
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra |
Projeto Mundos e Fundos

Apoio:
República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes
Armazém22
Ginasiano Escola de Dança
FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia
Câmara Municipal de Gaia | Espaço Corpus Christi
ESMAE - P.PORTO
Antena 2

Mais informação: https://portingaloise.pt/festival2425/

O X PORTINGALOISE - Festival Internacional de Danças e Músicas Antigas conta com o apoio do Programa de Apoio a Projetos - Programação, da República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes.